



MINISTÉRIO DA  
CULTURA



Secretaria  
de Cultura



GOVERNO DO ESTADO  
*Pernambuco*  
JUNTOS, FAZEMOS MAIS.

Fundação  
Joaquim  
Nabuco

**UPE**  
UNIVERSIDADE  
DE PERNAMBUCO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
MINISTÉRIO DA CULTURA  
SECRETARIA DE CULTURA DO ESTADO DE PERNAMBUCO  
FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO  
UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO  
CURSO DE FORMAÇÃO DE GESTORES CULTURAIS DOS ESTADOS DO  
NORDESTE**

**MARIA EDUARDA FREYRE MAGALHÃES DA COSTA LIMA**

**DDDANÇA  
DESAFIOS DA GESTÃO COMPARTILHADA**

Recife  
2016

**MARIA EDUARDA FREYRE MAGALHÃES DA COSTA LIMA**

**DDDANÇA**  
**DESAFIOS DA GESTÃO COMPARTILHADA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Formação de Gestores Culturais dos Estados do Nordeste, promovido pelo Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, da Universidade Federal da Bahia, em parceria com o Ministério da Cultura, a Fundação Joaquim Nabuco, a Universidade de Pernambuco e a Secretaria de Cultura do Estado de Pernambuco, como requisito para obtenção do Certificado do Curso de Aperfeiçoamento em Gestão Cultural.

Orientador: Prof. Sérgio Coelho Borges Farias

Recife  
2016

**MARIA EDUARDA FREYRE MAGALHÃES DA COSTA LIMA**

**DDDANÇA  
DESAFIOS DA GESTÃO COMPARTILHADA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do Certificado do Curso de Aperfeiçoamento em Gestão Cultural.

Aprovado em 17 de dezembro de 2016.

Lima, Maria Eduarda Freyre Magalhães da Costa. **DDDança: desafios da gestão compartilhada.** (37) p. il. 2016. Monografia (Curso de Aperfeiçoamento em Gestão Cultural) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

## RESUMO

Este trabalho trata de uma teia de ações cogestionada pelos Artistas da Dança de Pernambuco e o poder público. Aborda alguns desafios políticos da dança, dentre eles a questão da especificidade e da autonomia desta linguagem artística. Foca em duas metodologias de gestão compartilhada: *Elos* e *Dragon Dreaming*. Aborda algumas ferramentas de gestão colaborativa e abrange as dificuldades do fazer coletivo. O trabalho tem como objetivo promover a reflexão sobre gestão de projetos partindo da comunicação não violenta, celebração e prazer no intuito de fortalecer a rede da dança de Pernambuco e por extensão a do Brasil e a da América Latina. Como conclusão, a ideia é que a formação e o fortalecimento de comunidades autênticas podem transformar a realidade a partir de ferramentas de gestão e comunicação em rede.

**Palavras-chave:** Dança. Gestão compartilhada. Política Pública. Rede. DDDança.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

|            |  |
|------------|--|
| CNPC       | Conselho Nacional de Política Cultural                               |
| CONFEF     | Conselho Federal de Educação Física                                  |
| ENEA       | Encontro Nacional de Estudantes de Arquitetura                       |
| Funarte    | Fundação Nacional de Artes   |
| Funcultura | Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura                            |
| IPEC       | Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado                      |
| MDR        | Movimento Dança Recife   |
| MINC       | Ministério da Cultura  |
| MUNIC      | Pesquisa de Informações Básicas Municipais                           |
| ONG        | Organização Não Governamental  |
| ONU        | Organização das Nações Unidas  |
| PE         | Pernambuco   |
| PNA        | Política Nacional das Artes  |
| PT         | Partido dos Trabalhadores  |
| RD         | Região de Desenvolvimento  |
| Secult     | Secretaria de Cultura  |
| SERTA      | Serviço de Tecnologia Alternativa                                    |
| Unesco     | Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura |

## LISTA DE IMAGENS

|    |  |    |
|----|--|----|
| 1  | DDDança 2015 – Recife Antigo de Coração. Valdir Nunes. Marco Zero.   | 13 |
| 2  | DDDança 2015 – Recife Antigo de Coração. Coreografia “Pra Pular”. Av. Rio Branco.  | 13 |
| 3  | DDDança 2015 – Montagem da Feira da Dança. Museu da Cidade do Recife.  | 14 |
| 4  | DDDança 2015 – Espetáculos à noite. Museu da Cidade do Recife.   | 14 |
| 5  | DDDança 2016 – DDDança 2016 – Encontro Nacional da Dança. Paço Alfândega.  | 15 |
| 6  | DDDança 2016 – Encontro Nacional da Dança – roda de diálogo. Paço Alfândega.   | 15 |
| 5  | DDDança 2016 – Encontro Nacional da Dança – Debate sobre a carta - manifesto. Torre Malakoff.  | 16 |
| 6  | DDDança 2016 – Encontro Nacional da Dança – Leitura do Manifesto com a presença dos representantes da sociedade civil (MDR e Encontro Nacional) e do poder público (Minc, Secult/PE e Fundarpe). Palco (montado para este evento) na Torre Malakoff. | 16 |
| 7  | DDDança 2016. Apresentação do Coletivo CARNE (Coletivo de Arte Negra). Torre Malakoff.   | 16 |
| 8  | DDDança 2016. Paulo Queiroz, Balé Afro Raízes. Torre Malakoff.   | 16 |
| 9  | Instituto Elos – O que o Elos faz.   | 19 |
| 10 | Instituto Elos – Impulsionar o movimento.  | 19 |
| 11 | Instituto Elos – Ciclo.  | 20 |
| 12 | Instituto Elos – Teoria de Mudança.  | 21 |
| 13 | Confestival Internacional 2015.  | 22 |
| 14 | Quadrantes do <i>Dragon Dreaming</i> .   | 24 |
| 15 | <i>Karabirrdt</i> .  | 25 |
| 16 | Padrão de projetos.  | 29 |

## SUMÁRIO

|     |   |    |
|-----|---|----|
| 1   | DANÇA ENQUANTO LINGUAGEM AUTÔNOMA NAS POLÍTICAS CULTURAIS | 08 |
| 2   | UM BREVE OLHAR SOBRE O DDDANÇA                            | 10 |
| 3   | METODOLOGIAS DE GESTÃO COMPARTILHADA                      | 17 |
| 3.1 | INSTITUTO ELOS  | 17 |
| 3.2 | <i>DRAGON DREAMING</i>                                    | 21 |
| 4   | FERRAMENTAS DE GESTÃO COMPARTILHADA PARA O DDDANÇA        | 29 |
|     | REFERÊNCIAS   | 33 |
|     | ANEXOS  | 34 |

## 1 DANÇA ENQUANTO LINGUAGEM AUTÔNOMA NAS POLÍTICAS CULTURAIS

As Políticas Culturais no Brasil tomaram um novo rumo a partir de 2003, com a implementação de um novo processo de organização do campo cultural em termos de política e gestão (ARAGÃO, 2013). O PT<sup>1</sup> nomeava em seu programa de partido a “radicalização do processo democrático”, no esforço de colocar em prática a ideia de gestão compartilhada através de mecanismos que apontassem as necessidades de grupos distintos que compõem o país.

Os canais de diálogo foram abertos, incentivando-se a participação da sociedade civil na construção das políticas públicas. Das instâncias de participação destacam-se as Conferências Nacionais de Cultura, o Conselho Nacional de Política Cultural (CNPC) e os Colegiados Setoriais – estes últimos deixaram como legado os Planos Nacionais Setoriais. Consideramos aqui o Plano Nacional de Dança<sup>2</sup> importante diretriz para as políticas para este segmento nas instâncias federal, estadual e municipal.

As conferências são instrumentos de articulação entre os setores e os sujeitos em geral que atuam na área de cultura; representam um importante momento de mobilização e interação da sociedade civil e Estado, no sentido de **quebra de distância entre essas duas esferas, que não podem mais ser vistas como antagônicas, mas corresponsáveis pela construção**, não só de diálogos, mas de diretrizes para as políticas do campo da cultura. (ARAGÃO, 2013, grifo nosso, p. 20)

Para o êxito na construção das políticas públicas é indispensável que os participantes desta construção percebam a reverberação de suas vozes na execução, pelo poder público, dos anseios da população. As Câmaras Setoriais, posteriormente denominadas de Colegiados, foram uma instância de participação de grande valia para a construção das diretrizes das políticas setoriais. “Os planos setoriais nacionais são (também) um legado das conferências, na medida em que resultante dos debates nos colegiado setoriais com representação no Conselho Nacional de Política Cultural (CNPC).” (ARAGÃO, 2013).

A Câmara Setorial de Artes Cênicas foi inicialmente lançada em 2005, transformando-se rapidamente em Câmara Setorial de Circo, de Dança e de Teatro, conforme pleito dos profissionais da dança ao então Secretário Executivo do Ministério da Cultura, Juca Ferreira. Sobre este assunto vale ressaltar trecho de publicação no jornal “O Estado de São Paulo”:

Muito tempo depois, no Brasil, a dança passou a ser abrigada debaixo da rubrica artes cênicas. Desde então, vem pagando caro por lá continuar (mal) acomodada sem pleitear o direito de mostrar sua cara – com a sua expressividade particular, com a

<sup>1</sup> Partido dos Trabalhadores.

<sup>2</sup> Para saber mais, acessar o Plano Nacional de Dança em: <http://pnc.culturadigital.br/wp-content/uploads/2012/10/plano-setorial-de-danca-versao-impressa.pdf>

sua dramaturgia específica.!. [...] A dança precisa reivindicar além de políticas públicas próprias, rubricas próprias, exclusiva como cada arte é. (KATZ, 2005, apud. Velloso, 2015, p. 85)

O termo Artes Cênicas, portanto, é um termo que fere a autonomia da dança, pois pretende colocar no mesmo espaço linguagens distintas. É fato que os artistas muitas vezes utilizam o hibridismo de linguagens em suas produções, o que não tem a ver com suas diferenças quando estudadas isoladamente. Os trabalhos de dança e de música têm suas especificidades próprias, apesar de ambas “serem artes cênicas”, apesar da música não estar dentro das “Artes Cênicas”! Cada arte tem suas referências, seu modo de operar e se fazer existir. Diante disso:

Cinco anos depois da colocação de Katz e de uma reivindicação dos representantes da Câmara Setorial de Dança ao CNPC por um documento que manifestasse a importância da autonomia da área, é publicada em Diário Oficial, em 6 de julho de 2010, a **Moção nº 25, do Colegiado de Dança**, que havia sido solicitada novamente, em 20 de junho de 2010. Intitulada “Moção de Apoio à Câmara Setorial de Dança pelo cumprimento da Recomendação nº **01/2005, aconselha a todas as esferas da Federação, que evitem o uso da nomenclatura ARTES CÊNICAS como expressão generalizadora de áreas distintas como Teatro, Dança, Circo e Ópera**” (Brasil/MINC, 2010, grifo nosso, apud. Velloso, 2015, p. 86) (VER ANEXO 01)

Ainda abordando o artigo de Velloso, observamos que a recomendação aponta que entre a demanda do documento e o cumprimento dela se dê um espaço máximo de 5 anos, ou seja, se o pleito tivesse sido acatado no tempo proposto, todas as instâncias públicas ou privadas deveriam ter deixado de usar o termo Artes Cênicas desde 2010. Apesar desta demanda historicamente legitimada, muitas instâncias de representatividade da dança nos órgãos públicos ainda estão subordinadas a uma chefia de Artes Cênicas, em sua maioria ocupada por profissionais da área de teatro.

Diante dessa realidade, não é de se estranhar que a principal demanda do Encontro Nacional da Dança, ação finalizadora do DDDança 2016 tenha sido o pleito de uma diretoria de dança na Funarte que contasse com uma estrutura adequada para tornar possível a vazão das demandas do setor no país<sup>3</sup>. É preciso recursos humanos, financeiros e físicos para atender às particularidades de um setor que de acordo com pesquisa do MUNIC 2006, “51% dos municípios brasileiros possuíam grupos de dança, sendo, portanto, a segunda atividade cultural que mais ocorre nos municípios do país<sup>4</sup>”.

É importante ressaltar que na construção desses documentos, na constituição da primeira Câmara Setorial de Dança do país, e na elaboração de documentos relevantes nesta

<sup>3</sup> Esta e outras demandas constam no documento “Pacto do Recife”, aprovado em 29 de Abril de 2016 no Encontro Nacional do DDDança 2016. Ver mais em: <http://culturadigital.br/pna/destaque/documento-reune-demandas-para-dancar-avancar-no-pais/>

<sup>4</sup> IBGE, Perfil dos Municípios Brasileiros. Cultura, 2006, p. 88, gráfico 26.

construção, estavam presentes Artistas da Dança do Estado de Pernambuco, como a primeira Assessora de Dança da Secult/PE, Marília Rameh e o atual representante de dança no Conselho Estadual de Políticas Culturais do Estado de Pernambuco, Marcelo Sena.

## **2 UM BREVE OLHAR SOBRE O DDDANÇA**

O DDDança se desenha no Estado de Pernambuco como uma teia de ações que conta com a correalização de poder público e sociedade civil, e traz em seu percurso o grande desafio da gestão compartilhada. Na tentativa de uma construção de cogestão, a comunidade dos Artistas da Dança se coloca lado a lado ao poder público, no intuito de afirmar a dança enquanto linguagem artística no patamar de outras linguagens já inseridas, legitimadas e consolidadas socialmente, como por exemplo, a música e o cinema. A dança clama, desta forma, por seu espaço nas políticas públicas do Estado de modo a estruturá-la e retirá-la da marginalidade em que se encontra.

O desafio de aproximar a dança das pessoas é enfrentado de ambos os lados, uma vez que hoje a dança (enquanto linguagem artística) é um “artigo de luxo” para o cidadão comum. Se perguntarmos a algum transeunte, num centro de uma grande capital no Brasil “se já foi a um show de música”, “se já foi ver um filme”, provavelmente ele dirá que sim. Por outro lado, se estiver em um espaço informal, mesmo entre agentes culturais da “cena cult” das mesmas capitais, e perguntar “você já foi a um espetáculo de dança?” a resposta, em geral, será “não”, ou “já fui ver o balé da minha prima (ou amiga da escola) quando era pequeno (criança ou adolescente)”.

A dificuldade de acesso à dança enquanto linguagem artística no Brasil é de fato, um imbróglio para o desenvolvimento dessa linguagem que tanto tem a dizer sobre as questões corporais, que de um modo geral são tabu para a sociedade contemporânea<sup>5</sup>. Se simplesmente ter ido a pelo menos 3 espetáculos, mesmo em ambientes de pessoas com acesso a cultura, querer saber os diferentes ícones da dança no país, parece ser querer saber o extremamente inusitado para um artista, seja de qual outra linguagem ele for<sup>6</sup>.

Por este e diversos outros motivos, os artistas da dança se colocaram em cena no DDDança 2016 como um investimento para dar visibilidade ao seu próprio fazer. A sociedade brasileira não conhece a dança produzida no país. Nós brasileiros, conhecemos uma vasta gama de

---

<sup>5</sup> Para uma visão aprofundada sobre o corpo na contemporaneidade recomendamos a leitura dos livros “A Sociologia do Corpo” e “Antropologia do Corpo e Modernidade” de David Le Breton.

<sup>6</sup> Atualmente, percebemos um crescente interesse de artistas de outras linguagens na dança, mas o conhecimento da dança na sociedade ainda está muito aquém do mínimo desejado.

músicos, bandas, filmes, grandes autores da literatura (mesmo que por nomes), mas não conhecemos nossa **produção artística** de dança, nem mesmo a existência de seus expoentes.

Ainda que o movimento político da dança em Recife tenha uma densa relação com a construção das políticas públicas do Estado para este setor, o fazer coletivo ainda é um grande desafio. O próprio Movimento Dança Recife<sup>7</sup>, vive hoje um processo de reformulação de sua gestão, e a questão que tratamos aqui, portanto, como cerne desta pesquisa é: quais as ferramentas, instrumentos e mecanismos de gestão compartilhada que podem contribuir no DDDança e no fortalecimento da comunidade da dança em Pernambuco?

O objetivo é colaborar na rede que hoje reverbera nacionalmente como um exemplo de força política e união de uma comunidade da dança forte e perspicaz, que é composta pelos Artistas da Dança de Pernambuco. Quando escutamos relatos de grupos e companhias com mais de 15 ou 20 anos, percebemos que o grande motivador é a paixão, pois não há hoje, nem houve em tempo nenhum, uma política pública que tratasse de maneira atenta a profissão daqueles que fazem esta arte no Estado. É papel do Estado, portanto, colaborar na construção de um campo possível de existência na sociedade para os profissionais desta área de conhecimento específico.

A explicação da importância da dança para a sociedade é questão de debate em encontros políticos da dança. Foi escrito na ocasião do Encontro de Gestores da América Latina o “Manifesto em defesa da cooperação entre os países para o desenvolvimento da Dança Latino-americana”, onde foram abordadas diversas considerações sobre a relevância da dança na sociedade. Tais considerações pretendem facilitar o entendimento de líderes políticos que não conhecem de maneira aprofundada esta linguagem. Um dos objetivos abordados neste documento é: “Reconhecer, por meio de políticas concretas, os atores do campo da dança como trabalhadores da cultura<sup>8</sup>”.

Em 2005, na ocasião de um seminário de “Dança e Trabalho”, quando Marise Siqueira<sup>9</sup> esteve em Recife, a convite do MDR, o Ministério do Trabalho não pôde enviar um representante para um debate sobre o assunto porque não havia uma pessoa apta para tal. A Lei do Artista da Dança ainda está em discussão desde essa época, e os artistas da dança

---

<sup>7</sup> MDR.

<sup>8</sup> Este Manifesto encontra-se no documento Resultados Encontro Latino-americano de Gestores de Dança – mobilidade, Identidades e Estratégias de Cooperação, São Paulo.

<sup>9</sup> Marise Siqueira foi representante da Câmara Setorial de Dança, faz parte do Fórum Nacional de Dança e vem participando ativamente na construção do campo político da dança no país.

continuam o exercício de sua profissão sem seus direitos trabalhistas adequados, como por exemplo, aposentadoria especial.

A divergência de perspectiva dos profissionais da educação física com os profissionais da dança é histórica, o CONFEF segue até hoje defendendo que a dança deve ser ensinada por educadores físicos, enquanto que a dança ainda defende que seu campo de atuação é nas artes. Hoje o Brasil conta com mais de 30 cursos de graduação em dança, depois de uma grande articulação desse setor para esta conquista. Consideramos inadmissível que a dança seja retirada do campo das artes, especialmente no tocante às práticas de ensino.

Neste sentido, o DDDança em Pernambuco nos seus dois anos de existência, mostra sua força focada em alargar e aprofundar o pensamento sobre a dança no Estado. Apesar dessa grande força, o conhecimento específico de ferramentas democráticas para fortalecer essa rede não faz parte do senso comum dessa comunidade.

Ainda, percebemos como um desafio na gestão pública democrática, lidar com líderes políticos dos setores que possuem diálogos históricos de aproximação com o poder público, e que se beneficiam, algumas vezes, de convites e apoios diretos, ou “olhares” diferenciados pela sua “importância” para determinado setor. Transformar estas relações de poder não é tarefa fácil na busca pela isonomia das políticas públicas, uma vez que estes líderes normalmente orientam politicamente aqueles que estão iniciando seus percursos políticos, conforme suas crenças, que para estes últimos parecem ser “verdades absolutas”. O acúmulo de poder e controle dos “seus” já fazem parte do cotidiano desses atores sociais que atuam nesta arena política de grande disputa.

O estímulo ao pensamento crítico real (que incluiria a crítica às próprias lideranças), portanto, não parece ser, para estes, mais importante do que a manutenção dos espaços de poder já adquiridos. Da mesma forma que partidos políticos possuem sua entrada nos movimentos estudantis, os “formadores de opinião”, que muitas vezes têm diálogo direto com os gabinetes públicos, também exercem sua influência de poder e às vezes utilizam “suas armas” para desafiar o poder público pelo seu “canal direto” com o setor em questão.

Entendemos que para o fortalecimento da isonomia das políticas públicas, diversos desafios precisam e devem ser superados e aproximação entre o poder público e a sociedade deve ocorrer para TODXS. É preciso melhorar as estratégias de comunicação e capilaridade da gestão pública para atender adequadamente às diferentes demandas e acolher de maneira mais eficaz todos que desejam se apropriar das políticas públicas.

O presente artigo pretende expor duas metodologias de condução de projetos em grupo para colaborar na construção de um processo harmônico e que seja capaz de fortalecer a rede deste segmento de modo que o diálogo entre a gestão pública e a comunidade da dança consiga galgar patamares elevados, com passos largos e firmes na construção de políticas públicas de Estado para a dança.

Uma vez que a rede da dança esteja coesa, com boas ferramentas de comunicação e bons mecanismos de tomada de decisão e gestão compartilhada, certamente esta comunidade estará fortalecida para dialogar com qualquer que seja a gestão do Estado. Além disso, saberá lidar melhor com as adversidades dentro do próprio segmento, sem reforçar o lugar do “dominante” e “dominado”, e sem que as diferenças travem os avanços políticos do setor.

A primeira edição do DDDança foi realizada em 2015, oriunda de uma articulação política da Prefeitura do Recife, dos Artistas da Dança e do Governo de Pernambuco. Na época, foi observada uma grande necessidade de articulação para realização de uma comemoração do Dia Internacional da Dança diferente do que vinha acontecendo. Esta edição contou com uma ação no dia 29 de Abril e uma na semana anterior (26 de abril) – durante o “Recife Antigo de Coração<sup>10</sup>” com o intuito de chamar atenção dos transeuntes para a dança da cidade.



**Imagem 01:** DDDança 2015 – Recife Antigo de Coração. Valdir Nunes. Marco Zero.  
**Fotografia:** Acervo DDDança.



**Imagem 02:** DDDança 2015 – Coreografia “Pra Pular” Recife Antigo de Coração. Av. Rio Branco.  
**Fotografia:** PBG24.

A Feira da Dança aconteceu no Museu da Cidade do Recife, e demonstrou a necessidade de local para grupos novos da dança apresentar seus trabalhos. Ficou ainda evidente a falta de participação dos grupos mais experientes, pois poucos destes dançaram neste dia. Houve uma grande emoção, e artistas lembraram muito a época em que um grande líder da dança, Shiro, conseguia aglutinar diversos agentes da dança. Ficou a sensação de um “abraço da dança”, como um espírito de união entre todos os envolvidos, bem como o desafio de como obter na edição seguinte uma maior participação de grupos legitimados e já consolidados.

<sup>10</sup> Recife Antigo de Coração é uma ação da Prefeitura do Recife desde março de 2013, quando o Bairro do Recife recebe Pólos Culturais com atividades culturais e esportivas.



**Imagem 03:** DDDança 2015 – Montagem da Feira da Dança. Museu da Cidade do Recife.  
**Fotografia:** Jorge Porto.



**Imagem 04:** DDDança 2015 – Espetáculos à noite. Museu da Cidade do Recife.  
**Fotografia:** Acervo DDDança.

Na segunda edição do DDDança, realizada em 2016, o aporte financeiro do Estado e a parceria com o Ministério da Cultura, unidos a uma grande rede de Artistas de Pernambuco, possibilitaram um DDDança que abarcou muitas ações, desde 5 de abril até 29 de abril, durando praticamente o mês inteiro. Alcançou seu objetivo principal, deflagrado na primeira reunião de planejamento, realizada no Teatro Arraial, a visibilidade.

Os Artistas da Dança, nesta reunião, por unanimidade, definiram o Estado como parceiro e co-realizador, diferente da decisão em relação à Prefeitura, que nesta edição não seria parceira, diante do que a classe artística nomeou de “descaso”. Esta negação da participação da Prefeitura do Recife foi defendida como uma forma da dança “se colocar” diante do Município, chamando atenção para o trato da gestão municipal perante o setor<sup>11</sup>. Dentre outras conquistas do DDDança 2016, uma delas foi o retorno do cargo de gestão da dança no Recife<sup>12</sup>.

A visibilidade foi conseguida com êxito nesta segunda edição. Além de ter uma cobertura de imprensa que gerou cerca de 100 páginas de clipagem, líderes da dança de todo o país estiveram presentes, gerando uma grande visibilidade nacional, afirmando o grande poder articulador da dança desse Estado. Ainda, a dança, para a nova gestão Estadual, afirmou sua força e sua capacidade, chamando atenção dos gestores, especialmente da Secretaria de Cultura de Pernambuco.

<sup>11</sup> Este artigo não pretende aprofundar esta relação, nem abordar todas as ações realizadas. Tratamos aqui sobre uma breve reflexão sobre o fazer coletivo e ferramentas de gestão compartilhada. Ressaltamos a extrema relevância toda a teia de ações, como o Laboratório Corpos em Manifesto, coordenado por Maria Paula Costa Rego; Fotografias Dançadas, coordenado por Monica Lira e Rogério Alves; os seminários sob a batuta do Acervo RecorDança; ações apoiadas pela Associação Metropolitana de Hip Hop em Pernambuco; Interfaces Performáticas dentre outras importantíssimas. (Ver Anexo C e D)

<sup>12</sup> O cargo havia sido extinto no ano anterior.

O DDDança 2016 contou com profissionais de 20 estados brasileiros, bem como profissionais do interior de Pernambuco – do Sertão do Pajeú, Sertão do São Francisco, Agreste Meridional e Agreste Setentrional. O Encontro Nacional da Dança foi realizado para finalização dos encaminhamentos<sup>13</sup> da PNA (Política Nacional das Artes), também com a presença do Comitê Gestor da PNA e membros da Regional Norte/Nordeste da Funarte. Neste Encontro foram elaborados o Pacto do Recife e a Carta do Recife.



**Imagem 05:** DDDança 2016 – Encontro Nacional da Dança. Paço Alfândega.  
**Fotografia:** Rafaella Ribeiro.



**Imagem 06:** DDDança 2016 – Encontro Nacional da Dança – roda de diálogo. Paço Alfândega.  
**Fotografia:** Rafaella Ribeiro.

Apesar de todo o esforço para garantir avanços e conquistas da dança nas políticas públicas do país, no último dia do Encontro, para a entrega simbólica do documento Pacto do Recife, os participantes enfrentaram um momento extremamente difícil, provocado pelo teor das falas dos representantes do MINC. Nesta sexta feira, 29, ficou claro que o país estava passando por um Golpe, e que esta gestão do Ministério da Cultura estava com seus dias contados.

Diante deste novo fato, um “pânico” generalizado tomou conta daquele grupo que havia passado dias refletindo sobre os avanços, e se deram conta de que todas as conquistas não estavam consolidadas, e, portanto, aqueles avanços almejados poderiam ser “meras ilusões”, apenas “mais um documento”.

Nesse momento, alguns conflitos tomaram conta do grupo, e um manifesto<sup>14</sup> contra o retrocesso foi escrito no início da tarde da mesma sexta, a Carta do Recife, complicando a finalização dos trabalhos realizados em função do Pacto do Recife, dificultando a coesão do grupo. Alguns participantes defendiam que o país estava sob golpe, e outros acreditavam que não, que o Ministério da Cultura atrelado ao da Educação não seria uma grande perda para o desenvolvimento das políticas públicas para a cultura.

<sup>13</sup> Ver Pacto do Recife em: <http://culturadigital.br/pna/destaque/documento-reune-demandas-para-dancar-avancar-no-pais/>.

<sup>14</sup> Ver Anexo B.



**Imagem 05:** DDDança 2016 – Encontro Nacional da Dança – Debate sobre a Carta-manifesto. Torre Malakoff.  
**Fotografia:** Rafaella Ribeiro.



**Imagem 06:** DDDança 2016 – Encontro Nacional da Dança – Leitura da Carta do Recife com a presença dos representantes da sociedade civil (MDR e Encontro Nacional) e do poder público (Minc, Secult/PE e Fundarpe). Palco (montado para a Feira). Torre Malakoff.  
**Fotografia:** Rafaella Ribeiro.

No mesmo dia da finalização do Encontro, foram realizadas apresentações de dança das 10h às 22h, sem interrupção, demonstrando mais uma vez a carência de espaços para os artistas em formação. Importante registrar que a participação dos artistas já legitimados e consolidados que participaram desta edição, inclusive na Feira da Dança, foi fundamental para o êxito do DDDança 2016.



**Imagem 07:** DDDança 2016. Apresentação do Coletivo CARNE (Coletivo de Arte Negra). Torre Malakoff.  
**Fotografia:** Rafaella Ribeiro.



**Imagem 08:** DDDança 2016. Paulo Queiroz, Balé Afro Raízes. Torre Malakoff.  
**Fotografia:** Rafaella Ribeiro.

A articulação política para realização deste Encontro Nacional foi oriunda de um investimento do Estado na participação do debate político nacional da dança. A Assessoria de Dança de Pernambuco esteve no “Encontro de Gestores de São Paulo” e no encontro “Dança: Desafios Presentes e Futuros, no Rio de Janeiro. Nestes momentos construiu o campo político junto ao Articulador de Dança no processo da PNA, Rui Moreira, e diversas lideranças políticas do

setor, destacamos aqui a participação importante da primeira Assessora de Dança do Estado de Pernambuco<sup>15</sup>.

Posteriormente à realização do DDDança 2016, a Assessoria de Dança seguiu na articulação junto aos profissionais da América Latina no Encontro Latino Americano de Gestores em Dança, onde propôs um seminário de comunicação a ser realizado em Recife no DDDança 2017. Tal proposta foi acolhida pelo grupo, pelo entendimento da dificuldade dos profissionais se articularem e se comunicarem entre os encontros presenciais, sejam regionais, nacionais ou continentais.

Com o objetivo de um maior êxito na articulação dos profissionais da dança bem como na facilitação da gestão coletiva, a Assessora de Dança de Pernambuco debruçou-se em duas metodologias: do Instituto Elos e do *Dragon Dreaming*, para construção deste artigo.

### **3 METODOLOGIAS DE GESTÃO COMPARTILHADA**

Ao redor do mundo diversos grupos e organizações vêm aprofundando maneiras de realizar ações coletivas através de gestão compartilhada. Abordaremos dois exemplos: a metodologia do Instituto Elos e a do *Dragon Dreaming*. O Instituto Elos é uma organização não-governamental (ONG) sem fins lucrativos fundada por um grupo de arquitetos e urbanistas no ano 2000 e seu propósito “é fazer acontecer já, o mundo que sonhamos<sup>16</sup>”. Inspirado na Ecologia Profunda, teoria dos sistemas vivos mundiais, elementos das teorias quântica, do caos e da complexidade, o *Dragon Dreaming* surgiu a partir da prática da Fundação Gaia da Austrália Ocidental e é um sistema integrado baseado em uma ética que promove o crescimento pessoal, a formação de comunidades de apoio mútuo e o serviço à Terra.

#### **3.1 INSTITUTO ELOS**

Nos anos 90 a pergunta “qual é o papel social do arquiteto<sup>17</sup>?” foi o ponto de partida para o início do exercício do fazer junto e assim foi o início das primeiras experiências deste grupo com a organização do Encontro Nacional de Estudantes de Arquitetura (ENEA). Já em 1996 mais de 100 estudantes se envolveram no projeto do Museu de Pesca de Santos, um dos patrimônios culturais da cidade. A partir dessa experiência surgiu a Escola Guerreiros Sem

---

<sup>15</sup> Enaltecemos aqui a grande relevância do diálogo entre os gestores no fortalecimento das políticas públicas de Estado, e não de Gestão. Neste sentido, a atuação com o pensamento de continuidade é fundamental.

<sup>16</sup> Relatório Elos, 2009, p. 5.

<sup>17</sup> A autora conheceu o Instituto Elos, através de um vídeo do Guerreiros sem Armas de 2009, nos seus estudos de graduação em arquitetura, quando pesquisava para seu trabalho de graduação que focava no estudo de Ecovilas e Permacultura (incluindo pesquisas no IPEC, SERTA e aulas com Johan Van Lengen, autor do Manual do Arquiteto Descalço). Todo esse campo de pesquisa tinha foco na criação e fortalecimento de comunidades.

Armas<sup>18</sup>, e para dar continuidade às ações dessa Escola, foi criado o Instituto Elos, no ano 2000.

Em 2003 o jogo Oásis foi criado com o objetivo de realizar ações em curto espaço de tempo:

O Jogo Oasis é uma ferramenta de apoio à mobilização cidadã para a realização de sonhos coletivos. Composto por jogadores e comunidade, o jogo considera uma definição ampla de comunidade que envolve diversos atores, como moradores, ONGs, governo local, lideranças e empresas. Concebido para ser de uso livre e praticado de forma totalmente cooperativa, para que todos, juntos, realizem algo em comum, o Oasis propõe regras que permitem a vitória de todos, sem exceção. (<http://institutoelos.org/jogo-oasis/>)

Em 2005 o Elos se tornou “*Learning Center*” (Centro de Aprendizado) da Rede *Berkana Exchange*<sup>19</sup>, e um de seus fundadores tornou-se “*fellow*” da Ashoka<sup>20</sup>. A partir daí, as redes se tornaram parte da maneira de aprender e realizar dessa organização. Em 2007, o “Guerreiros Sem Armas” assumiu seu caráter internacional e recebeu 59 jovens de 17 países. No ano seguinte começaram as parcerias com Universidades, Governos e ONG’s internacionais.

A Fundação Banco do Brasil reconheceu a relevância na ação do Movimento Oásis Santa Catarina, que realizou ações em 12 comunidades atingidas pelas cheias de 2008 e foi certificado como “Ferramenta de Utilidade Pública” em 2009. Em 2010 a Metodologia Elos foi aplicada em escala nacional, com o “Elos no Canteiro Mais Cultura” e internacional, promovendo cooperação técnica entre o Brasil e a Guiné Bissau.

Em 2013 ampliou-se o conjunto de ferramentas, com a Carta dos Elementos, o Baralho da Filosofia Elos, o Mapa de Re-evolução, e o aperfeiçoamento do Jogo Oásis, como tendências para continuidade dos projetos e formas de garantir a autonomia das comunidades e dos guerreiros após as ações realizadas com o Elos.

Em 2013/2014 o Jogo Oásis foi aplicado em 21 cidades de 11 estados brasileiros em 10 países (Alemanha, Aruba, Bolívia, Curaçao, Espanha, Holanda, Índia, México, Montenegro e Zimbábue) e foi firmada a parceria com o ONU – Habitat<sup>21</sup> e o Programa Conjunto<sup>22</sup>.

---

<sup>18</sup> O GSA é um curso internacional que reúne 60 pessoas de diferentes países que buscam transformação e querem ser parte dela. Ver mais em: <http://institutoelos.org/gsa/>

<sup>19</sup> Trabalha com o lema: “qualquer que seja o problema, comunidade é a resposta”. Ver mais em: <http://berkana.org/>.

<sup>20</sup> A Ashoka trabalha com o lema: “Todos podemos ser agentes de transformação”. Ver mais em: <http://brasil.ashoka.org/>.

<sup>21</sup> Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos

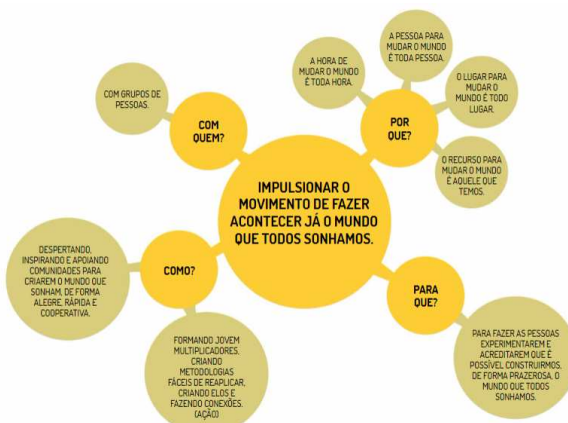
<sup>22</sup> O Programa Conjunto utiliza uma abordagem multidisciplinar para a prevenção da violência, desenvolvendo atividades que estimulem a promoção da convivência (respeito às normas e fortalecimento da cidadania); a redução de fatores de risco relacionados à violência (drogas e armas, por exemplo); a promoção da resolução pacífica de conflitos; e o acesso à justiça. ([www.unesco.org](http://www.unesco.org))

Com sua metodologia, a “Filosofia Elos” se apresenta como linha guia para transformar pessoas e relações em qualquer contexto social. O propósito é estimular e gerar transformações em ambientes e pessoas. Para o Elos, a cooperação, a beleza e o prazer são aspectos importantes para desbloquear os medos e liberar o impulso natural do ser humano na construção de um mundo melhor para todos.

“Por esse método, o Estado não diz o que fazer. Apenas convida e dá os meios básicos. Dialoga. Permeabiliza-se. E promove encontros. (...) O Instituto veio para agregar ao Canteiro Mais Cultura sua expertise em mobilização social e ajudar no aprofundamento e melhoria do método colaborativo escolhido pelo Programa Mais Cultura para implantação e gestão dos Espaços e Bibliotecas. Ele nos oferece uma poderosa ferramenta de escuta e envolvimento comunitário. (...) Prazer é a palavra que pauta o envolvimento: o prazer de ver o que antes era oculto, apesar de evidente; o prazer de ouvir e reconhecer-se no outro; o prazer de prospectar o possível; o prazer de fazer e transformar e, assim, entender e reconhecer a própria força; o prazer de conquistar e celebrar o realizado; o prazer, por fim, de apropriar-se do que é seu porque é de todos”. Silvana Meireles – Secretária de Articulação Institucional do Ministério da Cultura, Coordenadora Executiva do Programa Mais Cultura à época. (Elos no Canteiro Mais Cultura, 2011, p. 13.)

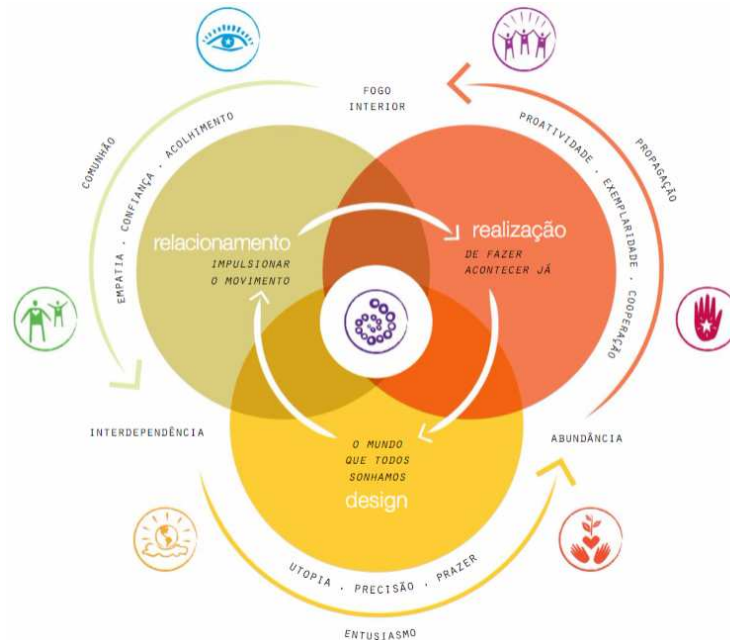


**Imagem 09:** Instituto Elos – O que o Elos faz.  
**Fonte:** Relatório de Atividades, 2012, p. 21.



**Imagem 10:** Instituto Elos – Impulsionar o movimento.  
**Fonte:** Relatório de Atividades, 2013-2014, p.14.

O Instituto Elos apresenta uma metodologia constituída pelas seguintes disciplinas: o **olhar**, o **afeto**, o **sonho**, o **cuidado**, o **milagre**, a **celebração** e a **re-evolução**. O olhar é o início de tudo, é a busca do belo, da abundância de talentos e recursos, é uma espécie de acordar para apreciar o que está disponível no entorno.



**Imagem 11:** Instituto Elos – ciclo.  
**Fonte:** Relatório de Atividades 2013-2014, p. 19.

O sentimento de pertencimento, a construção de relações baseadas na confiança mútua, e o desejo de cuidar uns dos outros é que perpassa a etapa do afeto. “Foi no terreno do Afeto, que diferenças ficaram de lado, para a delimitação de um terreno comum, povoados pelos diferentes sonhos dos jogadores.<sup>23</sup>”

Na etapa do sonho é possível resgatar a crença das comunidades nelas mesmas, no seu poder de união. Neste momento se desenvolve a capacidade de sonhar juntos, um belo – e aparentemente – impossível sonho. O tamanho do sonho não importa, mas sim a união de todos para transformá-lo em realidade.

Na etapa do cuidado a materialização dos sonhos começa a acontecer:

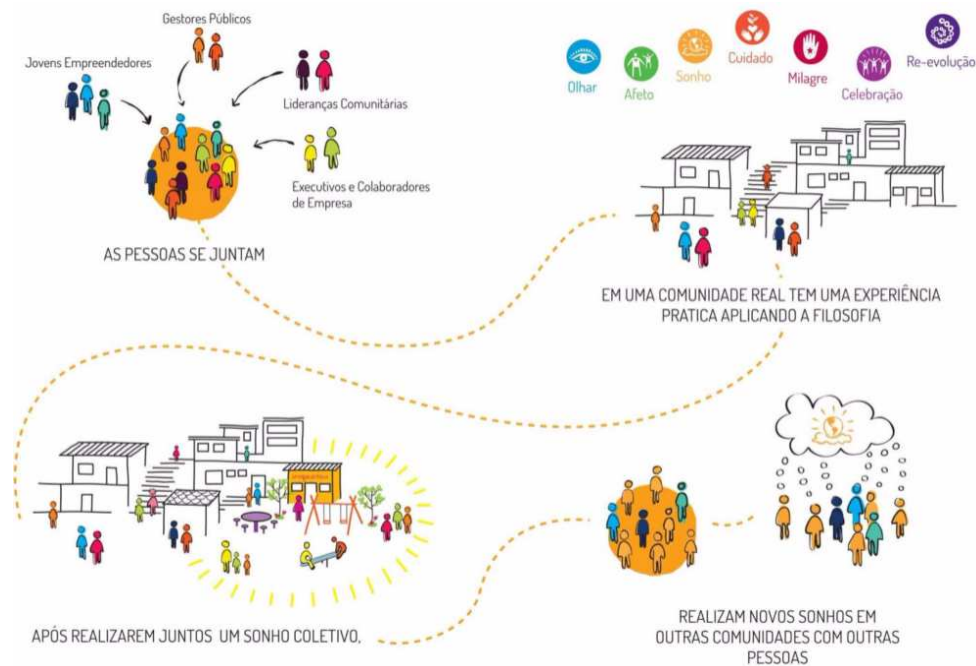
“Sonhos comuns estabelecidos, vontade de mudar em alta. É chegada a hora de partir para a ação, planejando cuidadosamente cada etapa do que virá a seguir e reunindo aqueles recursos necessários para a concretização dos desejos tão amplamente discutidos. (Elos no Canteiro Mais Cultura, 2011, p.77)

Após esta etapa surge o momento do milagre, também conhecido como “mão na massa”, que é o momento da realização. A celebração é quando os participantes se reúnem para “expor os

<sup>23</sup> Elos no Canteiro Mais Cultura, 2011, p. 49.

sentimentos acumulados durante a experiência e comemorar a realização dos sonhos, por meio da exaltação do papel de cada um durante o processo.”<sup>24</sup> Na celebração as relações construídas são consolidadas, fortalecendo os elos formados na comunidade, todos mais conscientes do poder que detém para transformar sua realidade.

Finalizado este ciclo, no dia seguinte ao milagre é realizada a avaliação e um debate sobre os próximos passos para manter o sonho vivo e consolidar a rede formada durante a experiência intensa vivida neste processo.



**Imagem 12:** Instituto Elos – Teoria de Mudança.  
**Fonte:** Relatório de Atividades, 2012, p. 12.

### 3.2 DRAGON DREAMING

Pessoas que buscam melhorar distintas situações ao redor do mundo vêm consolidando e aperfeiçoando as ferramentas e a estrutura metodológica do *Dragon Dreaming*, que está em constante transformação e vem fortalecendo estruturas e rede, através de suas práticas e estudos.

Recentemente foi realizado um evento no Brasil para partilhar as experiências, realizado pelo OCV *Dragon Dreaming* Brasil:

<sup>24</sup> Elos no Canteiro Mais Cultura, 2011, p. 105.



**Imagem 13:** Confestival Internacional 2015.

**Fonte:** <http://piracanga.com/eventos/confestival-dragon-dreaming-internacional-2015/>

A sua estrutura metodológica dispõe de 120 processos, que podem ser sintetizados desta maneira:

- A estruturação da busca individual por teorias que embasem o sonho;
  - O fortalecimento da confiança individual na busca por congregar outras pessoas ao sonho;
  - A transformação do sonho individual em um sonho coletivo;
  - A interação com o mundo através da prática;
  - A sábia elaboração das respostas do mundo;
  - O fortalecimento do projeto e dos indivíduos envolvidos.
- (<http://www.dragondreamingbr.org/porta1/index.php/dragon-dreaming/o-que-e-dragon-dreaming-home-principal.html>)

Seus princípios são: o crescimento pessoal, construção de comunidade, e serviço à Terra. A pedagogia proposta por Paulo Freire é uma grande referência para a construção desta metodologia. A comunicação entre as pessoas é um dado relevante para o êxito de qualquer trabalho, e neste sentido o *Dragon Dreaming* defende a “Comunicação Não Violenta”<sup>25</sup>, criativa, profunda e reveladora, exercitando a abstenção de afirmações imperativas e estimulando as chamadas “perguntas geradoras”, que estimulam o olhar para a essência do que está sendo dito e pequenas paradas para abrir espaços para descobertas reveladoras.

Seguem exemplos de perguntas geradoras:

“Como podemos juntar pessoas numa forma que é divertida, aumenta a curiosidade e as motive para ser parte do que está acontecendo?” “Como podemos criar um ambiente que nutre aqueles envolvidos, aprofunde suas conexões mutuas e leve ao reconhecimento que todos nós somos parte do que ocorre ao nosso redor?” “Como podemos encorajar aquelas pessoas que trivializam a Celebração para se integrar e se divertir?”

<sup>25</sup> “Eu decidir tentar esclarecer qual é a natureza de comunicação que nos ajuda a conectar de uma forma em que gostamos de contribuir para o bem estar do outro? E como é que o processo de comunicação é diferente do das pessoas que contribuem para a violência dos outros? – Estas foram as perguntas que embasaram o estudo da CNV, segundo Dr. Marshall Rosenberg. Ver mais em: <https://www.youtube.com/watch?v=AbQTnHirOnw>

No *Dragon Dreaming* também é realizada uma prática de parada para reflexão sobre a comunicação, que é chamada de *Pinakari*, originada dos aborígenes *Martu Mandjilidjara* para uma “Escuta Mais Profunda”. Na tentativa de estimular uma escuta empática, e menos reagente, a prática do *Pinakari* acontece sempre que algum participante do projeto sente a necessidade, o que pode acontecer, por exemplo, quando existe alguma situação de conflito.

Segue abaixo um pequeno guia para o *Pinakari*, que pode durar cerca de 30 segundos:

**Acalme-se e se conecte com o seu corpo:** Sinta onde o seu corpo se conecta com a cadeira ou as almofadas onde você está sentado.

**Sinta o peso do seu corpo:** Note o seu peso e como a Terra lhe dá suporte. A gravidade é a força mais antiga no universo. Se fosse uma pessoa lhe dando este tipo de apoio você o chamaria de amor incondicional. Torne-se consciente do amor incondicional da Terra por você, o apoio que ela lhe dá.

**Respire profundamente – para dentro e para fora:** Escute a diferença no tom e sinta a diferença de temperatura entre a inspiração e a expiração. Esta diferença de temperatura vem do Sol. Quem é você? Você é a dança dos ciclos materiais da Terra com a energia do Sol.

**Você pode escutar as batidas do seu coração?** Elas estão com você desde antes de você ter nascido e estarão com você até o momento de sua morte.

**Encontre o ponto onde a energia no seu corpo é mais forte.** Inspire para dentro deste ponto, relaxe conscientemente e expire a tensão para fora. (Guia Prático *Dragon Dreaming*, 2014, p. 6)

No momento do *Pinakari*, cada participante irá diminuir suas tensões de acordo com o possível no momento. Todos deverão permanecer em silêncio para facilitar esta prática. Esta ferramenta busca sobrepor alguns aspectos dos seres humanos, a exemplo da fixação em um ponto de vista diante de argumentos contrários ao seu posicionamento.

Quando se realiza um *Pinakari* abre-se a possibilidade de acalmar os ânimos e possibilitar um olhar mais tranquilo sobre a questão em debate, colaborando na diminuição das tendências de dominação e repressão.

A comunicação carismática, por sua vez, é um aprofundamento desta prática, como está descrita a seguir:

**1. Pratique Pinakarri.** Sente-se com as costas retas e feche os seus olhos. Respire profundamente. Respirar profundamente ajuda a livrar o medo e a tensão. Torne-se consciente de que você está conectado com a terra (através dos seus pés). Sinta como a sua espinha lhe conecta com o céu.

**2. Mude a sua atenção da sua cabeça para logo abaixo do seu umbigo.** Este é o seu Hara, o centro do equilíbrio.

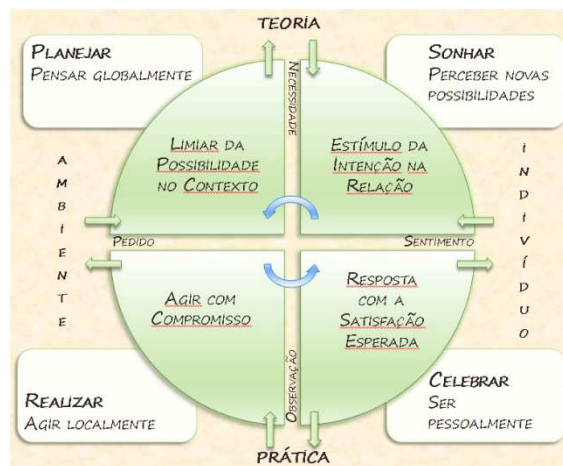
**3. Usando a sua imaginação, visualize uma bolha de espaço pessoal que cerca cada pessoa com a qual você está falando.** Agora visualize a sua própria bolha; tamanho, forma e cor. Agora faça com que sua bolha se expanda até que finalmente abrace, segure e dê suporte amorosamente às bolhas de todos com quem você está falando.

**4. Imagine a sensação de presença que você quer criar na pessoa com quem você está falando.** Qual tom de voz você precisa para criar esta presença?

**5. Usando este tom de voz particular, e praticando simultaneamente os outros quatro passos, deixe que as palavras fluam...** (Guia Prático *Dragon Dreaming*, 2014, p. 7)

O Bastão da Palavra é outra ferramenta de comunicação usada, e qualquer pessoa que estiver com o bastão em mãos deverá ter a atenção total do grupo inteiro. O grupo que faz parte do projeto é chamado de *Karlupgur*, aqueles em quem você aprende a confiar e amar. *Karl* é o fogo amarelo de acordo com o povo aborígine *Noongar*, e *Karlup* é a fogueira, onde compartilham os sonhos, contam histórias, tomam decisões, planejam atividades e celebram o fim do dia. O *Karlupgur* é, portanto, a egrégora do projeto que se forma na pactuação do sonho coletivo.

O *Dragon Dreaming* também dispõe de quatro quadrantes de referência: Sonhar, Planejar, Realizar e Celebrar. Como a natureza do *Dragon Dreaming* é fractal, em cada um dos quadrantes os outros elementos podem ser encontrados, observemos a seguir:



**Imagem 14:** Quadrantes do *Dragon Dreaming*.  
**Fonte:** Guia Prático *Dragon Dreaming*, 2014, p. 13.

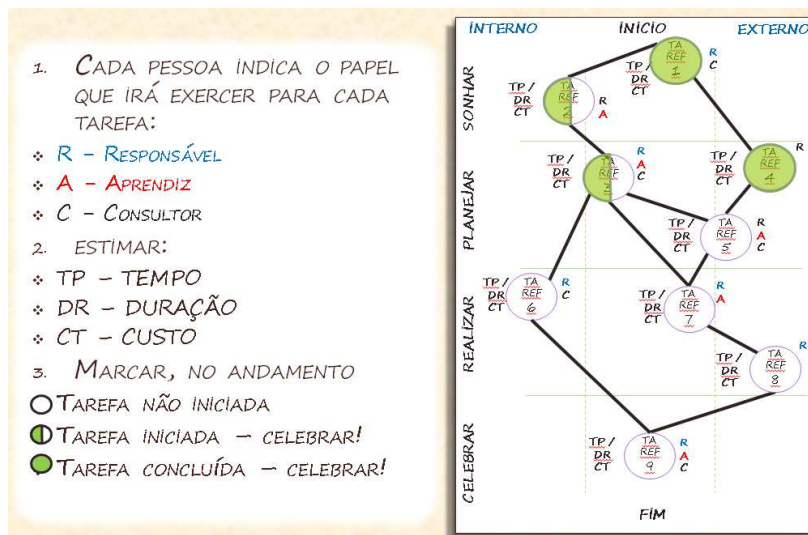
Na etapa do Sonhar é onde o sonho individual torna-se o sonho coletivo e é chamado de círculo dos sonhos. Neste momento a energia é transformada e é gerado um comprometimento do grupo, formando assim, o Time dos Sonhos.

Depois que o iniciador apresentou seu sonho e explicou sobre o que é o projeto, eles colocaram o sonho ante a equipe, fazendo uma pergunta geradora, tal como: **“O que esse projeto precisa ter, para que depois você possa dizer que essa foi a melhor forma que você já investiu seu tempo?”** **“O que permitiria você poder dizer: Sim! Estou muito feliz porque trabalhei neste projeto!”** (Guia Prático *Dragon Dreaming*, 2014, p.15)

Nesta etapa é importante que as ideias sejam registradas. Sugere-se que seja nomeado um guardião de memória para guardar as ideias, à medida que elas vão sendo compartilhadas. É importante que o guardião anote o nome da pessoa que teve a ideia e a essência do que foi dito. Os participantes serão capazes de se comprometer totalmente apenas se eles se

identificarem 100% com o Sonho. Este é o objetivo desta etapa, construir um sonho coletivo. Enquanto nesta fase a ideia é coletar o máximo de ideias, na etapa seguinte o objetivo é foco, destilação e filtragem de todos os temas.

Na etapa do “Planejar”, o “Time dos Sonhos” vai ponderar as diferentes alternativas de realização do sonho coletivo, e uma estratégia é criada. Fazem parte da estratégia o orçamento, planejamento do tempo, e as maneiras alternativas para obtenção dos recursos necessários. A ferramenta aqui é criar um mapa que se chama *Karabirrdt* (‘Kara’ – aranha, ‘birrdt’ – teia ou rede), que engloba todas as tarefas, os caminhos e paradas para alcançar este objetivo. Este mapa é a ferramenta mais importante nesta etapa, e é representado por um diagrama, como observamos a seguir:



**Imagem 15:** *Karabirrdt*.

**Fonte:** Guia Prático *Dragon Dreaming*, 2014, p. 20.

No planejamento se definem os objetivos, metas e os passos necessários para a organização das tarefas, bem como os tempos e as responsabilidades.

O que é um objetivo? No *Dragon Dreaming* um objetivo é definido como algo: Limitado, Atingível, Condição Futura, que é Orientado pela Ação. (...) A Questão Geradora aqui é “Qual objetivo que, priorizado, ajudaria a realizar todos os objetivos e 100% de nossos sonhos?”. (Guia Prático *Dragon Dreaming*, 2014, p.18)

O *Dragon Dreaming* sugere que os objetivos específicos sejam definidos em primeiro lugar, pois a partir daí o objetivo geral e a missão do projeto serão baseados na realidade. Já a missão do projeto deve ter as seguintes características: Concisa (para não confundir as pessoas), Inclusiva (inclui todos os princípios do projeto e tem uma relação clara com os

objetivos e o sonho), Memorável (de fácil memorização) e Inspiradora (para todos os envolvidos).

O tempo e investimento devem ser estimados em 20 minutos com a presença do grupo em frente ao *Karabirrdt*, e um facilitador. O grupo começa a criar um ritmo partindo da percussão (ou palmas) e o facilitador começa a ler em voz alta tarefa por tarefa. Para cada uma delas, os membros do grupo gritam (no ritmo) o primeiro número que vem à mente (em relação ao investimento financeiro, duração da tarefa em dias ou semanas e dedicação em dias ou horas). O facilitador vai escrevendo e esse “ritual” não deve demorar mais que 20 minutos.

Esse método, com ritmo e pressão, ajuda as pessoas a gritarem no “instinto” e a prática tem demonstrado que essa forma de criação orçamentária vem sendo bastante precisa. No entanto, no intuito de dar uma margem para imprevistos, indica-se um aumento de 15% de tempo e dinheiro sobre o resultado final. Na realidade “tudo leva mais tempo”. A adaptação orçamentária vai se dando no decorrer do processo, sendo o primeiro orçamento apenas uma orientação.

Ainda em relação ao orçamento, é realizado um teste para averiguar o nível de comprometimento dos envolvidos no projeto:

Em *Dragon Dreaming* esta é uma Pergunta Geradora que pode ser respondida com sim ou não. “Se esse projeto fosse executado com um prejuízo, e não levantar o dinheiro necessário, você estaria preparado para ser parte de uma equipe de pelo menos quatro pessoas, que estariam preparadas, a partir do seu próprio bolso, para dividir igualmente a despesa de qualquer perda? Sim ou Não?” É importante nesta circunstância compartilhar e celebrar igualmente um sim ou um não. Se você está celebrando os ‘nãos’ menos do que os ‘sim’ então o projeto está se tornando manipulador e ganha-perde, e não genuinamente ganha-ganha. (Guia Prático *Dragon Dreaming*, 2014, p.23)

Este comprometimento reverbera na tomada de decisão do *Karabirrdt*, pois só as pessoas que dizem sim neste momento é que poderão definir as tarefas que envolvem dinheiro no projeto. Mas é importante ressaltar que estas pessoas devem consultar e considerar as opiniões dos que disseram não. Como os que dizem sim carregam o risco, são estes que decidem sobre o dinheiro e a decisão é tomada por consenso deste grupo.

A experiência acumulada vem apontando que a maioria dos projetos do *Dragon Dreaming* até hoje vem gerando um pequeno saldo. Este que normalmente vem sendo disponibilizado para novos projetos *Dragon Dreaming*, não ficando, portanto, com o grupo que ficou responsável pelas tomadas de decisões financeiras.

A fase de realização é quando o projeto é gerenciado e administrado e é o momento onde os **erros**<sup>26</sup> podem começar a acontecer. Assim, se faz necessário realizar um monitoramento e adaptações às mudanças.

A Celebração é a etapa de se expressar, de oferecer gratidão e reconhecimento às pessoas envolvidas. Um momento em que se reconecta o Realizar de um projeto de volta para o Sonhar. É quando as pessoas podem observar como o projeto que está sendo realizado traz sentido para as vidas dos realizadores. Não se trata de momento de consumo excessivo de bebidas alcoólicas, mas de gratidão, agradecimento e reconhecimento dos esforços. “Se trata de ver o todo da pessoa e sentir que está tudo bem”:

*Dragon Dreaming* é amor em ação e neste tipo de celebração o amor se torna notoriamente visível. É fortemente recomendado que 25% dos recursos e energia usado em projetos de *Dragon Dreaming* (que incluem oficinas sobre *Dragon Dreaming*) envolvam Celebração! Nós encorajamos que o seu projeto tenha uma equipe de Celebração que garanta que isso ocorra ao longo do projeto (pois isso é parte de todos os quadrantes). (Guia Prático *Dragon Dreaming*, 2014, p. 13)

O último passo da Celebração requer a análise dos resultados. As perguntas geradoras são as seguintes: “Agora que o projeto terminou, o que deveríamos mudar se tivéssemos que fazê-lo novamente?” “O que mais gostamos neste projeto, de modo que nos nossos próximos isto também esteja presente?” “Como este projeto colaborou com nosso crescimento pessoal, para o fortalecimento da nossa comunidade e para o florescimento da vida?”

O *Dragon Dreaming*, além de trabalhar com os quatro quadrantes das fases do projeto, também trabalha com as características pessoais, e aponta que existem os sonhadores, os planejadores, realizadores e celebradores, e indica que em cada equipe deve ter essa diversidade presente para melhor realização do mesmo.

A metodologia também aponta para uma consciência dos sentimentos de um grupo e chama atenção para a qualidade das relações que varia muito de acordo com a comunicação. Parte do pressuposto que todo grupo tem fraquezas interpessoais e que estas precisam ser gerenciadas efetivamente.

No começo de todo projeto, o entusiasmo inicial é muito positivo e é uma fase de sedução mútua e engajamento, a chamada “fase de lua de mel”. Na segunda fase, as sombras aparecem. O projeto pode entrar num momento caótico e a motivação pode cair. Frequentemente o grupo pressiona os líderes do projeto e cobra que eles “coloquem o projeto

---

<sup>26</sup> A “Internacional Errorista” defende que o erro é o princípio ordenador da realidade e ainda, desloca o aspecto negativo do erro. Reivindica o erro como uma filosofia de vida. Ver mais em: <https://lasituacion2016.org/internacionalerrorista/>.

no eixo”. Se os líderes se recusam, eles são culpados pelo grupo. Esta dinâmica normalmente cria hierarquias e enfraquecem o senso de comunidade.

Na terceira fase, se o grupo for capaz de lidar com esse desconforto, pode surgir um período de silêncio. Neste silêncio, cada um observa as suas próprias feridas e sombras, o que pode levar a um estado de “não julgamento”. A partir daí emerge a quarta fase, que vem da habilidade de participar profundamente e observar ao mesmo tempo, formando, portanto, uma “**comunidade autêntica**”. Esta última etapa é o processo de cura, e deve ser celebrado.

No sentido de fortalecimento da criação dessas comunidades autênticas, o trabalho com os opositores é um norte no processo de realização de um projeto. Entende-se que o opositor mais resistente do projeto é a pessoa que mais pode ajudar:

Faça a ela a pergunta geradora: “Eu sei que você pensa que nosso projeto é errado (ou ruim, ou estúpido), e eu sinceramente gostaria de saber por quê.” Escreva a resposta e verifique se está correta. Então leve estas anotações para o seu time dos sonhos e trabalhe para encontrar uma resposta para cada ponto levantado. Então retorne ao resistente ativo com uma nova pergunta geradora: “Você se lembra do nosso último encontro? Achamos que encontramos a resposta. (contar a resposta). O que você acha?” Ele normalmente responderá “Sim, mas...” e virá com uma segunda longa lista. Repetir este processo algumas vezes normalmente vai levar a uma resposta diferente... “Sim, acho que vai funcionar!”. (Guia Prático *Dragon Dreaming*, 2014, p.27)

Em um projeto sustentável, a quantidade de trabalho deve subir até mais ou menos a metade do projeto e depois cair. Em projetos insustentáveis, os níveis de trabalho continuam subindo até a exaustão dos participantes. Ainda sobre as fases do projeto, na etapa do Realizar, o *Dragon Dreaming* traz a seguinte sistematização para os projetos “ganha-perde”:

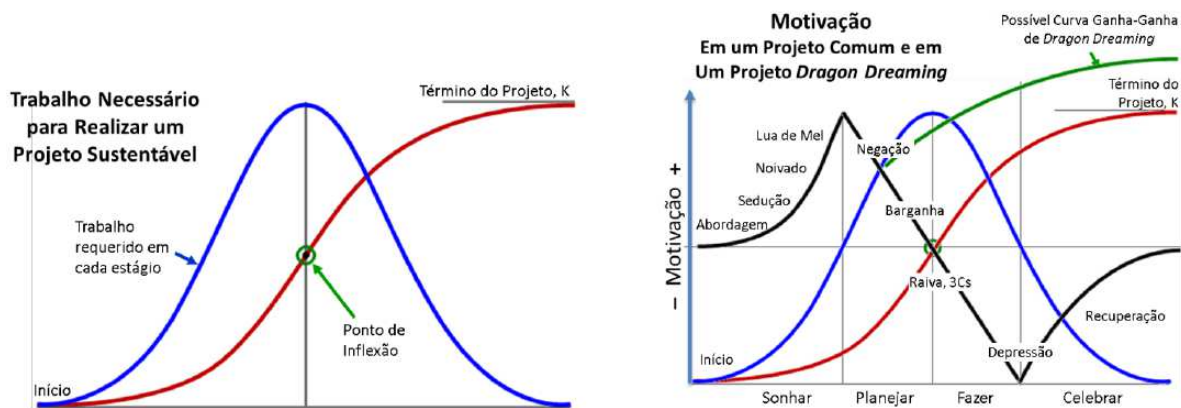
Também tem duas fases nos jogos de projetos ganha-perde:

2. A fase dos ‘3 Cs’:

Estes são os padrões automáticos de sobrevivência que se desencadeiam em circunstâncias difíceis:

- a. **Congelar:** Aqui as pessoas vão ranger os dentes e dizer! “Vamos, vamos apenas fazer o trabalho”. É a atitude de ‘Fingir-se de morto’.
- b. **Combater:** Esta é a fase em que as pessoas começam a culpar uns aos outros por suas dificuldades, e as coisas ficam difíceis. A motivação pode mesmo tornar-se negativa.
- c. **Correr:** Esta é a fase em que as pessoas começam a deixar o projeto. As reuniões ficam menores e o trabalho é deixado de lado entre as reuniões.

2. A Fase de Depressão: Se você se comprometeu com um projeto e não pode sair durante a fase de fuga (Correr), tende a ocorrer uma fase de depressão, acompanhada por pensamentos negativos e assunção pessoal da culpa. Isso é muitas vezes a fase mais difícil de todas. (Guia Prático *Dragon Dreaming*, 2014, p.29)



**Imagem 16:** Padrão de projetos.

**Fonte:** Guia Prático *Dragon Dreaming*, 2014, p. 29.

Tanto o *Dragon Dreaming* quanto o Instituto Elos buscam a transformação destas etapas. Encaram o entendimento do conflito como potencial para evolução, aprendizado, autoconhecimento e fortalecimento de grupo. O que se busca com estas e outras metodologias é amadurecer a capacidade humana de agir coletivamente com o sentido comunitário.

#### 4 FERRAMENTAS DE GESTÃO COMPARTILHADA PARA O DDDANÇA

O esgotamento pode ser evitado ao celebrarmos muito nos momentos certos. A celebração é o momento quando recebemos energia para nutrir nosso processo contínuo e tornar o projeto sustentável. (Guia Prático *Dragon Dreaming*, 2014, p.10)

Analisando as duas metodologias apresentadas neste artigo, conseguimos observar diferentes ferramentas presentes em ambas, como por exemplo, a grande importância da celebração na realização do projeto. Percebemos que existem diversos aspectos do quadrante do *Dragon Dreaming* que estão no ciclo da Filosofia Elos e que fazem parte de uma mesma linha ideológica, e que é parte de um movimento mundial.

Após a presente pesquisa que contou com diversas conversas informais com lideranças políticas da dança e com pessoas que já vivenciaram as metodologias *Dragon Dreaming* e Elos, concluímos que a experimentação destas pode colaborar de maneira eficaz na construção do modo do fazer coletivo da comunidade da dança. Os desafios encontrados no DDDança 2016 são oriundos do fazer coletivo de comunidades humanas, são portanto, conhecidos e estudados para elaboração e desenvolvimento destes tipos de metodologias.

Observamos no percurso dessa investigação que os 3 "Cês" dos projetos ganha-perde foram vivenciados no DDDança 2016; a busca do(s) culpado(s) de fato aconteceu, fragilizando o grupo de realizadores, quase impedindo a edição seguinte. Observar o recomeço da construção do DDDança 2017 traz, portanto, uma esperança no sentido do fortalecimento da comunidade da dança pernambucana e estruturação da rede estadual.

Ressaltamos a grande relevância da união do poder público e sociedade civil neste percurso de avanços, um dos diferenciais do DDDança, e que demonstra vanguarda no fazer democrático. Reafirmamos o já dito aqui, a quebra de distância entre essas duas esferas não podem mais ser vistas como antagônicas, mas corresponsáveis pela construção (ARAGÃO, 2013).

A partir de experiências coletivas com metodologias exitosas como as expostas neste estudo, pode se evoluir no processo de construção de uma metodologia própria da comunidade da dança, com adaptações para suas necessidades específicas, que podem ser realizadas conforme o grupo for amadurecendo neste percurso. Da mesma forma que a dança clama por legitimação de sua relevância, propomos aqui o reconhecimento da relevância destas ferramentas que muito tem a somar nas articulações políticas tão necessárias para o desenvolvimento social.

Propomos, portanto, a experimentação de diversos mecanismos e não defendemos aqui a aplicação de apenas uma metodologia como verdade única e absoluta. Outras metodologias não abarcadas neste artigo<sup>27</sup> podem somar, é preciso mergulhar e vivenciar cada metodologia escolhida pelo grupo de modo aprofundado e com confiança para sentir a potência de cada uma. A ausência de metodologias participativas tende a dificultar processo democrático e evidenciar as vozes de opressão.

Experimentar metodologias exitosas é uma maneira de construir, aos poucos, o progresso do fazer coletivo, respeitando, de fato, a diversidade e evoluindo com as adversidades. Diferentes vivências podem trazer aprendizados complementares de gestão coletiva. Fundamental nessa construção é o fortalecimento de relações pautadas na confiança, e por este caminho, a consolidação das redes. Isto é revolucionário.

As “comunidades autônomas” são, portanto, de extrema relevância na resistência às fórmulas de autoritarismo e concentração de poder que experimentamos com maior frequência nas relações contemporâneas ocidentais.

Os conflitos humanos haverão de acontecer enquanto nossa espécie estiver habitando o planeta. É preciso superá-los, aprender com eles e manter uma articulação coletiva perene para defender-se frente à “entidade dinheiro” no universo capitalista do qual fazemos parte. É preciso defender o corpo que dança, que questiona o seu direito de existência, e coloca em evidência sua importância para a humanidade.

---

<sup>27</sup> Como a Pedagogia da Cooperação, World Café, Investigação Apreciativa, Open Space, etc.

A potência da dança ainda não está clara para a sociedade como um todo, e isso reverbera no seu lugar dentro da estrutura das políticas públicas. Destacamos que a importância das metodologias colaborativas também precisa ser reconhecida socialmente e a dança pode estar engajada neste grande movimento de transformação de paradigmas sociais que está em curso em muitos países, inclusive no Brasil, como apresentamos aqui. Podemos estar nessa vanguarda, na construção da força coletiva da multidão que somos, com nossas pluralidades.

Acreditamos que o fortalecimento da rede da dança através de tecnologias de comunicação e gestão é uma emergência para possibilitar a existência de profissionais da dança com uma vida digna, socialmente respeitada, e não mais precária e discriminada na sociedade. Assim como é emergencial a união da esquerda brasileira no embate político que vivemos hoje no país, é evidente que precisamos aprender a nos unir mais na luta pela democracia.

São muitos os direitos básicos que os profissionais da dança ainda precisam adquirir. E se os políticos necessitam de auxílio paletó, os bailarinos precisam de acesso a tratamentos fisioterápicos especializados. É de extrema relevância, portanto, um estudo pormenorizado dos direitos humanos dos Artistas da Dança. É também isso que este artigo pretende ressaltar, pois esta marginalidade faz parte do dia a dia da grande maioria que vive da dança nos diversos elos de sua cadeia produtiva.

O exercício das ferramentas de ação coletiva pode intensificar o ritmo de avanços para este setor, assim como para os demais. Os profissionais da dança têm como característica geral o perfeccionismo, a perseverança e a paixão. Aliar essas características às ferramentas de comunicação e gestão tende a motivar uma rede ainda mais potente. Ainda, os profissionais da dança podem contribuir imensamente na construção destas metodologias, pois vivencia diferentes modos de operar em grupo, haja vista a existência de companhias de dança independentes que enfrentam há décadas os desafios aqui expostos.

Desenvolver a comunicação e os modos de decisão em grupo na construção coletiva colaborativa nos parece ser um interessante caminho para que, independente da gestão em curso, o segmento tenha ainda mais vigor e organização para promover tantas transformações imprescindíveis. Ampliar a capilaridade do fluxo de informações não apenas em âmbito estadual, mas nacional e integrado na América Latina é de uma potência inestimável. Precisamos compartilhar nossas ações exitosas e colaborar de maneira ainda mais eficiente para evolução das políticas (públicas e privadas) para a dança.

Propomos, portanto, conforme afirmado no Encontro Latino Americano de Gestores de Dança, a realização de um seminário de comunicação para facilitar a articulação dos profissionais, bem como uma capacitação em gestão coletiva colaborativa. Acreditamos que somar esses saberes, compreender sua relevância e investir neste conhecimento específico fortalecerá intensamente toda a rede da dança.

## REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, Ana. **Participação, consulta e controle social**. Coleção política e gestão culturais. Secretaria de Cultura, Governo da Bahia. Salvador, BA: P55Edições. 2013 Disponível em: <[http://www.cultura.pr.gov.br/arquivos/File/participacao\\_consulta\\_e\\_controle\\_social.pdf](http://www.cultura.pr.gov.br/arquivos/File/participacao_consulta_e_controle_social.pdf)> Acessado em: 10 ago. 2016.
- DRAGON DREAMING. **Guia prático Dragon Dreaming – uma introdução sobre como tornar seus sonhos em realidade através do amor em ação. Versão 2.0**. Jan.2014 Disponível em: <<http://docplayer.com.br/12177854-Guia-pratico-dragon-dreaming-uma-introducao-sobre-como-tornar-sonhos-em-realidade-atraves-do-amor-em-acao.html>> Acessado em: 15 out. 2016
- DRAGON DREAMING. **O que é o Dragon Dreaming?** Disponível em: <<http://www.dragondreamingbr.org/portal/index.php/dragon-dreaming/o-que-e-dragon-dreaming-home-principal.html>> Acessado em: 10 ago. 2016
- IBGE. **Perfil dos Municípios Brasileiros. Cultura**. 2006. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv36016.pdf>>
- INIT arte visual. **Elos no canteiro + cultura**. Disponível em: <<https://vimeo.com/20125572>> Acessado em: 10 ago. 2016
- INSTITUTO ELOS BRASIL. **Filosofia Elos**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BTs63bgWkYY>> Acessado em: 10 ago. 2016
- INSTITUTO ELOS. **Elos no Canteiro Mais Cultura**. Disponível em: <[https://issuu.com/elos/docs/livro\\_virtual\\_editado](https://issuu.com/elos/docs/livro_virtual_editado)> Acessado em: 10 ago. 2016
- INSTITUTO ELOS. **Elos no canteiro Mais Cultura**. Disponível em: <<http://institutoelos.org/em-acao/assessoria-estrategica-para-organizacoes-e-governos/>> Acessado em: 10 ago. 2016
- INSTITUTO ELOS. **Elos. 2013/2014** Disponível em: <[https://issuu.com/elos/docs/elos\\_2013\\_2014\\_546fa6d192c7d8](https://issuu.com/elos/docs/elos_2013_2014_546fa6d192c7d8)> Acessado em: 10 ago. 2016
- INSTITUTO ELOS. **Guerreiros sem armas**. Disponível em: <<http://institutoelos.org/gsa/>> Acessado em: 10 ago. 2016
- INSTITUTO ELOS. **Relatório de atividades – março de 2009 a fevereiro de 2010**. Disponível em: <<https://issuu.com/elos/docs/relatorioelos2009>> Acessado em: 10 ago. 2016
- INTERNACIONAL ERRORISTA. **Todos Somos Erroristas**. Disponível em: <<https://lasituacion2016.org/internacionalerrorista/>>
- MINC – POLÍTICA NACIONAL DAS ARTES. **Documento reúne demandas para Dançar avançar. Pacto do Recife**. Disponível em: <<http://culturadigital.br/pna/destaque/documento-reune-demandas-para-dancar-avancar-no-pais/>>
- MINC. **Plano Nacional de Dança**. Disponível em: <<http://pnc.culturadigital.br/wp-content/uploads/2012/10/plano-setorial-de-danca-versao-impressa.pdf>> Acessado em: 23 out. 2016
- Prefeitura do Recife. **Recife Antigo de Coração**. Disponível em: <<http://www2.recife.pe.gov.br/servico/recife-antigo-de-coracao-0>>
- ROSENBERG, Marshall. **Comunicação Não Violenta – Parte 1 Legendado**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AbQTnHirOnw>>
- ROSENBERG, Marshall. **Sobre a Comunicação Não Violenta**. Disponível em: <[http://www.pucsp.br/ecopolitica/downloads/cartilhas/2\\_C\\_2006\\_Rede\\_comunicacao\\_violencia.pdf](http://www.pucsp.br/ecopolitica/downloads/cartilhas/2_C_2006_Rede_comunicacao_violencia.pdf)>
- VELLOZO, Marila e GUARATO, Rafael. **Dança e política: estudos e práticas**. Curitiba: Kairós Edições, 2015.

**ANEXO A****MOÇÃO Nº 25, DE 23 DE JUNHO DE 2010**

Moção de Apoio à Câmara Setorial de Dança pelo cumprimento da Recomendação nº 01/2005, que aconselha a todas as instâncias públicas ou privadas, em todas as esferas da Federação, que evitem o uso da nomenclatura ARTES CÊNICAS como expressão generalizadora de áreas distintas como Teatro, Dança, Circo e Ópera.

O CONSELHO NACIONAL DE POLÍTICA CULTURAL - CNPC, reunido em Sessão Ordinária, nos dias 22 e 23 de junho de 2010, e no uso das competências que lhe são conferidas pelo Decreto nº 5.520, de 24 de agosto de 2005, alterado pelo Decreto nº 6.973/2009, tendo em vista o disposto em seu Regimento Interno, aprovado pela Portaria nº 28, de 19 de março de 2010, e:

Considerando que a Dança é uma linguagem artística autônoma no campo do conhecimento;

Considerando a importância da Dança como forma de expressão artística cultural no Brasil;

Considerando que, segundo dados do IBGE, a Dança é a segunda atividade artística mais disseminada no território, sendo que cinquenta e seis por cento dos municípios brasileiros abrigam grupos de dança;

Considerando que o ensino da Dança tem suas próprias Diretrizes Curriculares organizadas pelo Ministério da Educação - MEC e pertence a área de ARTES; e

Considerando a necessidade de alteração da legislação vigente para a adequação necessária de maneira a assegurar e fortalecer os direitos e deveres dos artistas da dança afim de que possam empenhar, efetivamente, suas atividades de forma coerente com suas especificidades;

Manifesta seu total e irrestrito apoio ao cumprimento da Recomendação nº 01/2005, da Câmara Setorial de Dança, que aconselha a todas as instâncias públicas ou privadas, em todas as esferas da Federação, que evitem o uso da nomenclatura ARTES CÊNICAS como expressão generalizadora de áreas distintas como Circo, Dança, Ópera e Teatro.

**JOÃO LUIZ SILVA FERREIRA**  
Presidente do Conselho

**GUSTAVO VIDIGAL**  
Secretário-Geral

## ANEXO B

### Carta do Recife

Manifesto da Dança Brasileira, reunida no Encontro Nacional da Dança, no DDDança, realizado entre 27 e 29 de Abril de 2016 na cidade do Recife, Pernambuco.

Carta-manifesto lida no Dia Internacional da Dança, dirigida à Sociedade Brasileira, a todos os profissionais da dança do Brasil e à Comunidade Artística Internacional.

"Nós, profissionais reunidos no Encontro Nacional da Dança, denunciemos a ameaça de interrupção da ordem democrática em nosso país, movida por setores corruptos do sistema político, contando com a omissão condescendente do Poder Judiciário, especialmente do Supremo Tribunal Federal – com o apoio ativo do monopólio da comunicação, mantido por um pequeno número de famílias detentoras de veículos midiáticos – no sentido de impedir o mandato presidencial vencedor das últimas eleições com mais de 54 milhões de votos. Tal ameaça também apoiada por setores de grande poder econômico, visaria, de fato, anular as conquistas realizadas pelas lutas da sociedade civil, no campo da segurança social, dos direitos civis e notadamente no campo da cultura, atingindo diretamente o conjunto das conquistas e avanços realizados nos últimos anos ou ainda em processo de construção, e que significam a destruição de uma geração de esforços empenhados em reverter a enorme injustiça social ainda vigente em nosso país. Não podemos aceitar esses retrocessos e conclamamos a todos os agentes culturais, incluindo os da comunidade internacional, a nos apoiar na resistência a essa arbitrariedade."

## ANEXO C

## Folder DDDança 2016 (Frente)

**#DDDANÇA2016**

- de abril -

**05** a **29**

**RECIFE - PERNAMBUCO**

**DDDANÇA**




---

**ARTICULADORES DDDANÇA**

Daniilo Carias  
Duda Freyre (Assessora de Dança - Secult/PE)  
Marcelo Sena  
Maria Paula Costa Rêgo  
Mônica Lira

**FICHA TÉCNICA**

Assessoria de Imprensa: Bárbara Buril  
Imprensa: Thiago Montenegro (Secult/Fundarpe)  
Comunicação: Marcio Sá  
Fotografias: Rafaela Ribeiro  
Produção executiva: Daniilo Carias  
Produção do Encontro Nacional da Dança:  
Daniilo Carias, Duda Freyre, Hudson Wlamir,  
Marília Rameh e Patricia Costa  
Coordenação de palco: Lilli Rocha  
Grade de Programação: Heloisa Duque, Iara Sales  
e Marcelo Sena  
Teaser: Filipe Marcena  
Designer: Marcela Rabelo

**COORDENAÇÕES DE AÇÕES**

Agenda da Dança: Iara Sales e Marcelo Sena  
Aulas Abertas: Rafaella Trindade  
Cine DDDança: Filipe Marcena  
Corpos em Manifesto: Maria Paula Costa Rêgo  
Dança de PE: Duda Freyre  
Dança na UFPE: Rafael FX e Rebeca Gondim  
Encontro Nacional da Dança: Duda Freyre,  
Marília Rameh e Rui Moreira  
Feira da Dança: Alê Carvalho, Daniilo Carias,  
Duda Freyre, Jaqson Gomes,  
Marcelo Sena e Mônica Lira  
Fotografias Dançadas: Mônica Lira e Rogério Alves  
Gênero de Batalha: Adelfo do Vale,  
Jorge Kildery e Rafael FX  
Inscrições: Heloisa Duque e Iara Sales  
Interfaces Performativas: Flávia Pinheiro,  
Gardênia Coletto, Leandro Olivian,  
Luciana Freire, Marcela Aragão e Marcela Felipe  
Intervenções Urbanas: Adelfo do Vale  
Seminários: Acervo RecorDança

**PARCEIROS:**



**CO-REALIZAÇÃO:**



---

**PROGRAMAÇÃO**

**27 de abril**

10h às 12h30 | Abertura

Explicação do processo de trabalho da Articulação da Dança na PNA

14h às 18h | A Dança e suas Conexões - (locais de fruição e transversalidades)

Explicação sobre o Colegiado Setorial de Dança

**28 de abril**

10h às 12h30 | Reflexões sobre a estruturação da Diretoria de Dança

Grupos de Trabalho:

1. Marcos Legais - educação, trabalhistas e previdenciários, tributários;

2. Pacto Federativo: Fomento, Editais e Eventos Calendarizados, Manutenção de Grupos e Companhias;

3. Formação;

4. Ações Afirmativas Étnico-raciais;

5. Ações Afirmativas de Gênero;

6. Estruturação da Diretoria de Dança.

14h às 18h | Finalização dos Grupos de Trabalho

Apresentação dos GTs e debate dos Resultados

**ENCONTRO NACIONAL DA DANÇA**

